

DOIS ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA PSICOLÓGICA: NOTAÇÕES
ETNOGRÁFICAS SOBRE ANSIEDADE E SOFRIMENTO SOCIOEMOCIONAL
EM ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA NO CEARÁ¹

Alef de Oliveira Lima
Doutor em Antropologia Social
SEDUC-CE
aleflimaufrgs@gmail.com

RESUMO

A ansiedade é frequentemente retratada como um curto-circuito bioquímico nas percepções de medo captadas e processadas pelo cérebro. Tal leitura biológica não permite compreender outras interfaces da ansiedade inscritas em dimensões propriamente simbólicas e culturais, compartilhadas enquanto afetos e relações do sujeito com o mundo. Diante dessas características, o presente trabalho etnográfico visa discutir os significantes culturais da ansiedade em termos de correntes ansiogênicas vinculadas a marcadores de tempo, tecnologia e experiência social, a partir de um conjunto de entrevistas semiestruturadas de estudantes da rede pública cearense. A perspectiva defendida é que a ansiedade se configura como sofrimento socioemocional, e, necessariamente vivenciada na construção de espaços-tempos desordenadores do mundo em suas marcações simbólicas e existenciais pelos sujeitos. Nesse sentido, o artigo abre-se a uma reflexão que mescla etnografia e narrativas de sofrimento encampados no chão da escola e podem representar indícios de um fenômeno mais amplo do que aparenta.

Palavras-chaves: ansiedade; etnografia; afetos; sofrimento

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, de 23 a 26 de julho de 2024, em Belo Horizonte-MG.

INTRODUÇÃO

O dicionário Houaiss² define ansiedade como “grande mal-estar físico e psíquico” cujos sinônimos aludem a estados agonia, aflição, desejo veemente e intempestivo, estado afetivo doloroso de vulnerabilidade a um perigo imprevisto ou indeterminado. Ao examinar essa definição, logo no início do projeto de pesquisa que iria desenvolver junto a escola em que atuo como professor, percebi sua imprecisão. Talvez, por ser antropólogo e dado ao estranhamento com os modos de se pensar determinadas questões do cotidiano, eu relacionasse os sintomas da ansiedade diretamente as afecções psicológicas graves. Mas, quando pensei melhor já havia escutado em conversas com amigos e colegas de trabalho a frase: “estou com a ansiedade atacada”. Como se a experiência ansiosa se equiparasse a doença psicossomática ou como se estar ansioso, enquanto algo circunstancial pudesse ser semelhante a uma crise de ansiedade, ou ainda, se a ansiedade funcionasse com uma agência própria.

No retorno pós-pandêmico, o governo cearense, no final de 2021 organizou o retorno as aulas presenciais em toda a rede de escolas públicas do estado, com dois decretos entre os meses de setembro a março do ano subsequente a Secretaria da Educação do Estado do Ceará mobilizou os colégios para iniciar o ano letivo. Junto com essa mobilização foram lançados um conjunto de protocolos sanitários e as escolas deveriam elaborar um plano interno de retomada dos estudos presenciais com pelo menos uma estratégia de recomposição de aprendizagem e priorização curricular. Esse contexto acelerava, em um certo sentido, a expectativa sobre o retorno presencial. A crise pandêmica impactou severamente os processos formativos da educação básica, em especial, com um efeito mais intenso nas camadas populares, dado os abismos socioeconômicos e de infraestrutura informacional enraizados nas diferentes regiões do Brasil.

No Nordeste, em particular, no Ceará, tal aspecto se espalhava em diferentes dimensões. Por exemplo, como professor da rede básica em uma escola profissional dentro da zona rural cearense, eu tinha e tenho alunos/as que não usufruem de internet de dados porque não há sinal em suas regiões. Outros/as não tem condições de comprar um celular e alguns até moram em assentamentos Sem-Terra, cujo acesso a água potável, energia e locomoção são difíceis. Esse cenário é um dos elementos que perpassa o artigo,

² Verbete ansiedade. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo>. Acesso em 20/01/2024.

apesar de que meu foco nesse texto seja apresentar em uma versão sucinta um conjunto de eventos e narrativas de sofrimento que tem por base as experiências de ansiedade de alunos e alunas do Ensino Médio, que têm entre 15 e 17 anos, de uma Escola Estadual de Educação Profissional³. As narrativas foram coletadas entre os idos de 2022 a 2024, como parte de um trabalho de pesquisa que desenvolvo em uma disciplina eletiva, chamada de Sociologia e Saúde Mental.

O conteúdo das narrativas dos/as estudantes, seus relatos, depoimentos e minhas notas de campo compõe o esquadro geral da metodologia que segue um viés etnográfico, procurei analisar a ansiedade dentro da forma em que eles/elas afirmavam. Como algo mais que uma afecção. Não possuo uma formação em psicologia ou psiquiatria, portanto, o que eu sei sobre a ansiedade é parcial. Enquanto professor e servidor público assistia os/as discentes saírem da minha aula relatando dores de cabeça insuportáveis. Outras⁴ se escondiam no banheiro para chorar, em um dia na escola, presenciei mais de dez estudantes afirmarem passar mal por conta de crises de ansiedade. Naquele mesmo dia, fui informando que uma aluna desmaiou quando iniciava a subida da rampa da escola que dar acesso ao primeiro andar. Uma coletânea de casos logo no primeiro bimestre de retorno às aulas presenciais lotava a sala dos professores com conversas, preocupações e desdenho por parte de alguns colegas. No frígir dos ovos, tínhamos em mão adolescentes adoecidos demais e em um nível de estresse psicológico alarmante. Presenciávamos os efeitos do retorno de um processo de quarentena após a crise sanitária de 2020-2021.

A ocorrência de choros incontroláveis, tristezas iminentes que atingiam o alunado os faziam se amontar na pequena antessala da coordenação solicitando um alívio, qualquer que seja para à gestão. Telefonar aos pais, um chá de camomila, um exercício de respiração guiada. Tão perplexos como os professores a gestão fazia o que lhe coube. Na escola surgiu um projeto interessante no bimestre seguinte ao contexto descrito. O diretor junto a uma ex-aluna (atualmente psicóloga) formulou a ideia de um atendimento psicológico emergencial, o “Psi tá On” junto com um corpo de voluntários, em sua

³ A Escola Alan Pinho Tabosa, localizada em Pentecoste, no sertão do Ceará, o município faz fronteira com pelo menos cinco outros municípios e recebe estudantes dessas localidades. O colégio existe a mais de dez anos e trata-se de uma conquista do Movimento Precista. O PRECE é um movimento de educação popular com trinta anos de existência formulado no interior de uma comunidade vulnerável no sertão cearense, o movimento organizava células de estudo cooperativo com o intuito de desenvolver autonomia e autoestima a jovens interioranos que decidissem entrar no ensino superior. A escola é reconhecida por utilizar a Aprendizagem Cooperativa e Solidária como base pedagógica de metodologias de ensino ativas, sendo sua existência fruto da mobilização de ex-precistas que hoje compõe quase oitenta por cento do corpo docente.

⁴ Por vezes, usarei no texto a flexão de gênero apenas no feminino pois, a maioria dos/as estudantes que aceitaram participar do projeto de pesquisa e relatar seus sofrimentos são meninas.

maioria graduandos em psicologia, organizou um serviço on-line de atendimento em que cada aluno/a poderia ter dois encontros semestralmente. A iniciativa foi uma resposta paliativa, mas que resguardava a necessidade de contratar um psicólogo escolar, já agora entre 2023-24 a escola possui um psicólogo atuante e mantém o “Psi tá On”. Mesmo com essas diferentes tentativas de sanar a questão as narrativas dos/as estudantes que souberam da minha pesquisa⁵ e desejaram participar não foi suprimida. Existe uma ampla demanda de fala que ficou patente para mim ao longo das entrevistas e nas notações de campo.

Essa demanda de fala não achava vinculada, somente, a possibilidade de uma escuta etnográfica, os/as estudantes viam a mim com intuito de reconhecer ou criar estratégias de reconhecimento para aquilo que vivenciavam como ansiedade. Nesse sentido, parte do que se tornou minha pesquisa encontrou um terreno fértil na possibilidade de organizar uma disciplina eletiva (também chamada de itinerário formativo)⁶ voltado exclusivamente as questões de saúde mental atravessadas no cotidiano daqueles jovens. Então passei a organizar essa eletiva com discussões de sociologia, psicologia e da antropologia, cujo foco era demonstrar aos estudantes um conjunto variado de temas, técnicas, rodas de conversa conectados às formas sociais e culturais de se lidar com o sofrimento psíquico (ou socioemocional). Diante dessas considerações, o projeto de pesquisa levantou diferentes possibilidades de análise aos relatos dos/das discentes. Principalmente, diante de atravessamentos múltiplos sobre temporalidade, experiência social, tecnologia e um outro arcabouço reflexivo que se centra em perspectivar o adoecimento mental aos debates contemporâneos do neoliberalismo e o esfacelamento das relações sociais no mundo hiperconectado.

Estruturalmente o texto foi dividido em dois grandes tópicos: 1. Sofrimento socioemocional: ansiedade como sintoma de um laço e 2. Tempo, Tecnologia e Emoção. O primeiro tópico visa construir uma análise que apresente a ansiedade em sua propriedade semiótica e somática, um campo de linguagem do corpo/mente que põem em

⁵ Para participar da pesquisa os estudantes ou as estudantes dão sua autorização por áudio antes do início da gravação da entrevista, mas, o projeto garante a ciência e anuência dos pais que recebem para a assinatura em duas vias um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, o diretor da instituição assinou o Termo de Anuência para a pesquisa que segue os protocolos éticos-legais da Resolução 512/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a qual, resguarda e especifica as características epistemológicas e metodológicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas diferenciando-as de um modelo biomédico.

⁶ A disciplina eletiva teve duas edições: uma em 2022 destinada a pensar exatamente as discussões dos transtornos de ansiedade e outra em 2024 com foco destinado a pensar os modos culturais do adoecimento psíquico. Em ambas as edições o número de estudantes inscritos era superior a quarenta, mas com o andamento da disciplina muitos optavam por desistir, seja porque encontravam algo mais interessante para se dedicar (outra eletiva) ou porque realmente estabeleciam uma resistência as discussões feitas durante a aula.

questão a construção dos laços sociais em uma sociedade permeada por processos de aceleração cognitiva e simbólica. Nesse aspecto as narrativas dos/as alunos ilustram uma série de sintomáticas manifestando-se como linguagem e corporalização ora de angústias que se referem ao luto, ao retorno do contato com a alteridade após a quarentena; ora se mostram necessariamente conectadas a uma espécie de corrente ansiogênica de sentimentos normalizados e naturalizados enquanto propriedades da experiência contemporânea de pertencer as culturas juvenis (PAES, 2001). No segundo tópico ofereço aos leitores/as um aprofundamento teórico e analítico sobre o modo de relacionar as potentes mudanças tecnológicas e alteração dos estados emocionais conjuntamente com a percepção do tempo (em seus aspectos mais vivenciais). O material etnográfico ainda segue no fio da perspectiva esboçada e abre oportunidade para indagações mais amplas, a respeito das dificuldades de ser pensar a saúde mental no escopo das lógicas das burocracias de ensino – em um fenômeno cada vez mais difuso e ambíguo de transtornos de ansiedade, depressão e pânico.

SOFRIMENTO SOCIOEMOCIONAL: ANSIEDADE COMO SINTOMA DE UM LAÇO

Quando iniciei o projeto de pesquisa voltado para a questão da ansiedade imaginava abordar a questão pelo viés do luto. Buscava, talvez como efeito do que presenciava na escola, encontrar uma causação fenomenológica cujo significado pudesse relacionar com essas intensas tristezas e angústias cotidianas. Mas, na realidade essa hipótese inicial não se mostrou frutífera. O luto em uma visão freudiana representaria a forma pela qual o sujeito elabora a perda de um conjunto de identificações que se dão para além de uma representação e, acabam por constituir, uma lida entre o despedaçamento do que era o Eu (CAMPOS, 2013). Dessa maneira sem um volume de dados razoáveis e com a peculiaridade das formas de sentir a perda, é relativamente impossível traçar um paralelo entre o que os/as estudantes traziam nos seus modos de adoecimento e o escopo de uma sociedade enlutada pós-pandemia. Entretanto, as entrevistas me deram uma pista interessante e que apontava para o luto de outro modo.

Na primeira hipótese que desenvolvi sobre as crises de ansiedade e o movimento dos/as estudantes em direção a um mal-estar psíquico marcado pelos efeitos da quarentena, tomei como pressuposto os processos de organização e classificação cognitiva. Utilizei as ideias de Mary Douglas (2012) a respeito dos sistemas binários de distinção em pares opostos e complementares para observar a maneira que a crise sanitária

desorganizou o luto em sua simbolização. Nesse sentido é preciso considerar que além de desestabilizar emocional um grande contingente da humanidade, a Covid-19, desarranjou diferentes processos de simbolizar e mediar sentimentos e emoções. As crises de ansiedade vivenciadas pelas/as se dariam em razão de ocupar com um sentimento de luto desorganizado socialmente, cujas dores se espalhavam em direções diversas: a raiva contra governo, a confusão pelas fake news, o sentimento de impotência. E principalmente, pelo esvaziamento do sentido do luto em termos de um fenômeno coletivo dentro da sociedade brasileira.

Apesar de válida a hipótese esbarrava em duas contestações produzidas pelos dados empíricos: 1) os/as estudantes relataram que as crises de ansiedade se intensificaram na pandemia, mas surgiram pelo menos dois ou três anos antes, durante a pré-adolescência com uma forte sensação de inadequação e recriminação ao seu Eu; 2) muitos levantaram como questão que os atingia não o espectro de uma coletividade, mas suas relações intrafamiliares e a maneira que seus pais lidavam com seus sentimentos e crises: ora ofertando suporte em termos de cuidado e acolhimento, ora invalidando ou ignorando suas necessidades emocionais. Em algumas ocasiões durante as entrevistas, sentia que essas duas novas informações traziam um elemento importante. Apesar de evidenciar um mal-estar de impacto pela crise pandêmica, os/as adolescentes traduziam um sentimento prévio e compartilhado corroborando com dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) que aponta uma taxa regular de transtornos de ansiedade em pré-adolescentes de 16% em pré-púberes e jovens de 10 a 19 anos em todo o globo (PAHO, 2021).

Apesar de existir um conjunto de fatores socioeconômicos e políticos que engendram formas de adoecimento psicológico já bem estabelecidas dentro do campo da psicologia é interessante pensar o quanto os processos ansiogênicos se intensificam em momentos de transição. Nas entrevistas, os/as discentes apontavam que o nervosismo combinado com problemas pessoais e o contexto da crise contribuíam para construção de um imaginário catastrófico que se intensificava conforme fixava seus pensamentos nesses aspectos. Uma das minhas alunas, Ana, de cabelo castanho e olhos protuberantes me relatou da seguinte maneira:

Ter crise mesmo de ansiedade foi lá para a metade do ano de 2020. Eu tinha uns quatorze anos. Elas voltaram nessa época. Mas, antes, com doze anos eu já tinha. Só que eu não sabia o que era. Descobri o que era quando eu voltei a ter com quatorze anos. Daí, desde os quatorze anos foi passando, foi passando e eu sempre tinha. Às vezes quando acontecia algo ruim que eu não entendia, acaba entrando em crise não por conta da pandemia em si, por causa do medo.

Eu acho que é porque passavam muito tempo sozinha. Não conseguia distrair minha mente e acabava tendo crise. Ficava longe das pessoas, me isolava. Exemplo: eu via muito uma amiga minha, por conta da pandemia, a gente começou a se afastar porque eu não podia ir à casa dela nem ela podia ir à minha casa. E ela era meu ponto de apoio, às vezes eu conseguia me distrair com ela. Ficava nervosa e começava a ter crise de ansiedade. Também por outros problemas que foram extremamente fortes para mim e que vieram coisas horríveis na minha mente e me deixavam muito mal, envergonhada e a sensação fica de isolamento e agonia fica mais forte. (Entrevista 1, Ana, 05 de maio de 2022).

O aspecto que gostaria de ressaltar é o mesmo apontado por Mary Douglas (2012) em Pureza e Perigo. Os esquemas de classificação do mundo, não fornecem apenas formas de distinguir pares opostos: ordem-desordem, certo-errado, limpo-sujo, na realidade, eles estabelecem uma organização cognitiva que atravessa modulações do próprio conhecimento social da ordem. Em suma, ao pensar os fatores e aspectos constituintes dos processos ansiogênicos das/os estudantes também era possível e necessário examinar como a crise sanitária desajustava situações do que era considerado culturalmente como “normal” ou não. Uma pandemia era simultaneamente uma desordem das emoções e no modo de estabelecer descritores cognitivos para outras experiências semelhantes. Aqui não se trata de causa e efeito, todavia, vale ressaltar que a incidência de transtornos de ansiedade nos pré-adolescentes se deve a um contexto em que essa “transição” agora se situa fora de marcadores “clássicos” de tempo, espaço, conectividade e a própria pandemia.

A exemplo do que se pode considerar sobre um “período” de transição é relevante marcar que não se pode universalizar as etapas de vida ou subdividi-las em pequenos e compartimentados espaços-tempos únicos e marcados com aspectos fisiológicos ou psicossomáticos. Margaret Mead (1983), na investigação sobre a educação intrafamiliar em Samoa demonstrou que adolescência parece ser, antes de tudo, um processo e não uma fase. Parte do que definimos como uma etapa para idade adulta que seguiria uma lógica linear revela muito mais padrões culturais e representacionais acerca dos sujeitos, do que uma real forma de estabelecer diferenças substantivas entre as idades. A ansiedade nesse aspecto vai em uma direção específica e que singulariza o retorno pós-pandêmico ao se deparar com uma espécie de reentrada no mundo do Outro o que se passa é um processo angustiante de tensão com a alteridade. Mas, o quanto desse processo é algo isolado de um contexto mais amplo de adoecimento psíquico próprio das novas formações sociais se expandem na contemporaneidade? A pergunta em si evoca um elemento fundamental para a compreensão da ansiedade: o grau de enraizamento que ela tem no cotidiano e na naturalização de uma experiência ansiosa.

Nos relatos coletados sobressaia os processos de corporalização da ansiedade. A experiência fenomenológica dos/as estudantes se apresentava como algo do/no corpo – potencialmente afetiva e fisiológica. Os alunos e alunas aludiam ao seu corpo, a sensação de sufocamento, dores de cabeça, tremores nos olhos, tristezas que se traduziam em um aperto no peito, desmaios, choros intensos, dificuldades de falar ou respirar adequadamente. Nas entrevistas isso reverbera na tentativa deles/as de me mostrar onde a ansiedade fazia-se sentir. Nesse ponto, vale abordar os argumentos da antropologia fenomenológica de Csordas (2006) e o sentido da corporeidade enquanto um elemento que se estabelece, não pela visão binária de corpo/indivíduo e cultura. Para ele, o corpo como dado fenomenológico não é pré-social ou cultural, sua perspectiva ajuda a entender que as crises e as sintomáticas apresentadas dão margem a simbolização da própria experiência ansiosa, dotada de uma significação cultural acerca do sofrimento que sentia e desaguava ali: no espaço da escola.

As entrevistas costuravam narrativas para além de uma visão estrita, seja em termos fenomenológicos ou mesmo representacionais, um dado interessante sobre os modos que isso ocorria, era uma espécie de “contágio”. Estudantes que presenciavam ou notavam que alguns/algumas colegas estariam passando por uma crise ansiosa, manifestada em choros incontrolláveis, sensações de sufocamentos ou desmaios, imediatamente começavam também a apresentar os mesmos sintomas. Em psicologia o contágio como fenômeno propriamente psicológico se reveste de características únicas em que sujeitos que dividem um mesmo espaço possuiriam a capacidade de mimetizar as emoções de outrem em termos de uma experiência emocional significativa, isto é, dotada de uma simulação de outras situações que se presentificam (GOUVEIA *et al*, 2006). Mas, a ideia me parece simplista ao pressupor de antemão que tenhamos a habilidade de “sincronizar” afetos em uma forma eficiente de “passar pelo que o outro passa”. Destarte, minha dúvida, os/as adolescentes exibiam esse fenômeno com grande recorrência, certa vez na escola cerca de 16 estudantes passavam mal ao mesmo tempo como se um efeito-dominó os compelissem aquilo.

Talvez, uma contribuição antropológica a essa análise seja de pensar o contágio não como um ato de sincronia emocional, mas, uma emulação sentimental. A possibilidade gerar um afeto de apresentação que engatilhe no outro, em termos de proximidade etária, racial, gênero ou quaisquer outros aspectos de identificação possível, falo desse contágio muito mais enquanto ritual compartimentado e compartilhado de um sofrimento do que é a mimética do próprio ato em si. Nos depoimentos fica claro que a

questão perpassa o processo de subjetivação dos/as estudantes sobre o advento do novo normal, sobre o luto esvaziado e o que significa passar por grandes catástrofes históricas. Márcio Seligmann-Silva (2008), literato, famoso pelo estudo da questão do trauma como fato testemunhal e histórico aponta que os sujeitos após intenso sofrimento social, estabelecem seus sentimentos em uma espécie de cripta, um núcleo duro do seu Eu, em que a temporalidade do presente não acontece em termos simbólicos. Se é possível pensar que a somatização da ansiedade se refere tanto ao estabelecimento de uma ordem de “normalidade” pós-crise pandêmica, quanto se conecta a temporalidade de um Tempo Cultura que se avizinha na relação com esse novo Outro, fica evidente um fato novo. A ansiedade nesse sentido é algo perpassado simultaneamente entre questões singulares de cada indivíduo, mas também, singulares em termos sociológicos de um grupo, um espírito de época.

TEMPO, TECNOLOGIA E EMOÇÃO

A questão temporal da sintomática ansiosa me parece ser fundamental, ao escutar os depoimentos dos alunos e das alunas no decorrer da pesquisa, é possível examinar como o tempo/temporalidade – a vivência temporal corporalizada em uma espécie de tempo de espera, que torna a experiência da ansiedade somaticamente insuportável. Muitos/as discentes relacionavam que, em meio a crise de ansiedade, sentiam-se completamente dispersos, era algo próximo aos sintomas de despersonalização. Comuns na nosologia psiquiátrica, esses sintomas, referem-se a um escopo maior de transtornos afetivos graves, mas, sua característica que interessa na análise esboçada aqui é justamente essa perda de *referências fundamentais aos sujeitos*: em termos de uma identidade psicossocialmente estável, portanto, conectada as dimensões de tempo e espaço. Alguns antropólogos abordam a questão do tempo de modo interessante e, bem diferente de um critério metafísico utilizado nas filosofias. Por exemplo, Alfred Gell (2014) argumenta que é a percepção temporal, mais do que o tempo em si mesmo, que interessa à análise antropológica:

Não tenho a intenção de argumentar que todos que fazem uso de um sistema de calendários e datas que é igual àquele que nós usamos; na verdade, o que estou dizendo não tem nenhuma implicação cultural. Os fatos são que as pessoas estão conscientes dos relacionamentos temporais entre eventos e se comportam de acordo com isso na condução de seus negócios. O fato de elas serem capazes de fazer isso mostra que têm um esquema eventos uns aos outros no tempo. Os índices fornecidos para eventos de seja lá qual forem os esquemas transmitidos culturalmente que estão em operação são suas “datas”.

Esses índices podem ser referir a um esquema métrico, tal como um calendário de algum tipo, ou não. De um ponto de vista lógico, isso não importa, embora do ponto de vista da compreensão antropológico, isso importe muito. (GELL, p. 151, 2014)

Importa que dentro de uma consideração sobre as sintomáticas da crise da ansiedade a perda ou excesso de uma temporalidade, se compraz em um elemento desordenador para os sujeitos. A perda da capacidade de se situar no tempo, como se o instante da crise cristalizasse o desespero, autocontido no corpo, e não pudesse se dispersar por outra válvula de escape senão a angústia ali manifestada. Esse aspecto indica que a temporalidade da crise ansiosa é antes de tudo uma desintegração da relação de referência entre tempo e sujeito. Vale mencionar que em outras abordagens etnográficas de etiologias psíquicas dos transtornos mentais, como a síndrome de pânico, é evidente que os processos de somatização funcionam subjetivamente enquanto um conjunto de imagens catastróficas, pensamentos intrusivos, sensações dispersas de ausência e presença, sudorese, taquicardia, sufocamento etc. (RORIZ, 2012). Mas, o tempo se manifesta também na relação, necessariamente emocional, do sujeito para com a sua cultura, em termos mais amplos.

É útil pensar o quanto a ansiedade é um fenômeno afetivo para além de seu espectro de transtorno mental ou das definições somente somáticas. Ao examinar as narrativas dos/as estudantes sobre a maneira que *sentem* as crises chegando, como se um conjunto de gatilhos se avolumassem em seus pensamentos, é possível entender que os sentimentos trazidos à tona reverberam por situações, cenas, impressões ou mesmo ressentimentos que experienciaram em algum momento de suas vidas. Portanto, esses sentimentos não se referem a um modo de sentir autoinduzido pelo instante da crise, são próprios gatilhos ocasionados em relações de alteridade mediadas sentimentalmente que merecem atenção. Parte de uma antropologia das emoções, esboçada pelas ideias de autoras como: Maria Cláudia Coelho e Cláudia Rezende (2010), argumentam que os sentimentos não são elementos estáticos e psicológicos em si mesmo, antes, figuram no escopo de contextos sociais, possuindo dinâmicas micropolíticas (LUTZ, 1989), simbólicas e corporificadas (ROSALDO, 2019)⁷.

⁷ Apesar de ser relativamente recente a ideia de que as emoções/sentimentos podem ser objetos de escrutínio da antropologia, em termos de uma análise que concebe as relações sociais impregnadas de sentimentos/emoções/afetos, não é de hoje que o cânone da antropologia pensa a sentimentalidade humana como protótipo de uma linguagem simbólica. No texto de Marcel Mauss (1970) “A expressão obrigatória dos sentimentos (1921)”, demonstra que a análise antropológica, em sua origem, demarcava a importância das emoções para a interpretação cultural dos comportamentos.

Sara uma das entrevistas de 16 anos, deixou justamente esse aspecto em evidência ao explicitar como foram suas primeiras crises de ansiedade na escola e do modo pelo qual ela começou a entender que o problema era maior do que imaginava:

Desde que eu entrei na escola tem sido tudo maravilhoso, claro, mas também têm momentos ruins. E desde que eu entrei na escola essa ansiedade ficou mais delicada. Ano passado (2021) eu tive a primeira crise que me desesperou fisicamente e foi na verdade por um sonho não foi por causa da escola. Mas quando voltou presencial aí que eu fui vivenciando essas crises, principalmente esse ano, às vezes era de tarde sem motivo. Em outros momentos por uma disciplina que eu estava com dificuldades. Mas, tive crise por causa de pessoas e sem “motivo” algum, simplesmente do nada. Eu posso estar em um grupinho de amigos ou fazendo alguma atividade e do nada bate aquela sensação de desespero. Parece que eu não me sinto segura ali ou eu fico pensando demais sobre algum problema recorrente. Primeiro tem as causas físicas que são: falta de ar e coração acelerado, muito tremor aqui (aponta para o lugar exato) na base da mandíbula e no braço, que eu comecei a sentir, essa semana. Eu fico muito acelerada, eu penso que eu vou desmaiar, mas não chega a acontecer isso. Minha cabeça fica a mil e ainda fica gente curiosa muito perto de mim, perguntando se eu quero chá, mas basicamente são os mesmos sintomas, falta de ar, dor no corpo. Não sei, às vezes não consigo andar, como se não sentisse as pernas. (Entrevista 02, Sara, 12 de maio de 2022).

As colocações de Sara demonstram que ela percebe suas sintomáticas e mobiliza uma intensa consciência do que isso significa. Inclusive, na questão de se sentir envergonhada. Parte do que se pode analisar em seu depoimento que essa sensação perpassa a interação com os colegas e de que forma ela enxerga a si mesma no momento da crise. Sua descrição somática leva em conta a própria auto percepção corporal não sendo algo exclusivamente corpóreo, mas, indicado simbolicamente: as pernas que não podem andar, o coração acelerado que não sabe o que sentir, a mandíbula presa, os tremores e rubores de sua autoconsciência acerca do instante daquele acontecimento.

Diante dessa perspectiva a ansiedade não se configura unicamente como um momento de crise ou de intensa angústia somatizada. Ela pode ser pensada em termos de um complexo emocional em que pensamento, sensações, desejos e tempo se inscrevem fenomenologicamente nos processos de adoecimento psicológico. Logo, a ansiedade se projeta como uma sintomática necessariamente social, ligada, por assim considerar, a elementos que fogem a um escopo individualizante. Como se a construção dos laços sociais já estivesse adoecida. É interessante mencionar Durkheim (2005) nesse ponto, um dos pais fundadores da sociologia, na sua monografia original: “O suicídio” (1897), lembra que os fenômenos aparentemente individuais seriam exclusivamente psicológicos/subjetivos; reverberam sociologicamente e tem diferentes causações que pode sim, ter uma compleição cultural.

No exemplo durkheiminiano o fenômeno do suicídio, com auxílio das taxas estatísticas de morte auto infligida de diversos países da Europa em um recorte de três a quatro décadas, se acha vinculado a diferentes momentos de instabilidade social e política das sociedades, ou precisamente, na precariedade da construção de conexões sociais que liguem os indivíduos a vivência de uma vida social significativa. Um conjunto de análises contemporâneas vão demonstrar o modo como nossa sociedade hiperconectada altera percepções emocionais e temporais e tal aspecto pode ser base para interpretar os adoecimentos psíquicos enquanto dimensões singulares do sofrimento contemporâneo, em especial, com crianças e adolescentes. Parte de uma literatura especializada nas questões envolvendo saúde mental de jovens e o desenvolvimento tecnológico aponta a existência de um conjunto de fatores particulares dentro das tecnologias telemáticas que causam relações de dependência e esvaziamento emocional: o tempo de tela, o uso de redes sociais como mecanismo de sociabilidade, a ausência de interações off-line, a pressão estética e a infodemia (CUNHA; SOUZA, 2019).

Em antropologia, pode-se pensar que a relação entre humanos e tecnologia vai além de campo da interação entre entidades contidas em si mesmas. Talvez a análise ciborgue de Donna Haraway (2009) possibilite que o argumento acerca da ansiedade “causada” simplesmente por uma relação de descontrole entre sujeito e tecnologia, não seja tomada de maneira óbvia. Haraway, que é filósofa e bióloga feminista, defende que seu mito ciborgue apresenta uma outra perspectiva epistemológica:

A determinação tecnológica não é o único espaço ideológico aberto pelas reconceptualizações que veem a máquina e o organismo como textos codificados, textos por meio dos quais nos engajamos no jogo de escrever e ler o mundo.⁴ A “textualização” de tudo, na teoria pós-estruturalista e na teoria pós-modernista, tem sido condenada pelos marxistas e pelas feministas socialistas, que desconfiam do desprezo utópico que essas teorias devotam às relações de dominação vividas, desprezo que está na base do “jogo” da leitura arbitrária por elas postulada. É certamente verdadeiro que as estratégias pós-modernistas, tal como o meu mito do ciborgue, subvertem uma quantidade imensa de totalidades orgânicas (por exemplo, o poema, a cultura primitiva, o organismo biológico). Em suma, a certeza daquilo que conta como natureza – uma fonte de *insight* e uma promessa de inocência – é abalada, provavelmente de forma fatal. (HARAWAY, 2009, p. 42)

Desse modo, a sintomática da ansiedade seja perpassada por um processo de subjetivação em que a própria natureza do que é ou não subjetivo, material ou imaterial, on-line ou off-line possa estar em uma porosidade de inter-relações. Aqui, é necessário resguardar os limites analíticos do que se pode perceber em termos gerais. Jovens e crianças nascidos na era da internet tem uma forma de integração no mundo virtual

marcado pela organicidade de suas interações: seja em termos cognitivos ou emocionais. O que posso argumentar é que o ciborgue não seja apenas uma metáfora de relações entre humanos e não-humanos, mas, constitua formas de subjetividades lançadas em uma temporalidade marcada pelo tempo da máquina. Todavia, ainda pulsante de emoções necessariamente humanas. Outras abordagens demonstram exatamente esse aspecto. Byung-Chul Han filósofo sul-coreano que ganhou notoriedade na Alemanha por análise arguta do capitalismo informacional, explica que as sociedades ocidentais contemporâneas se baseiam subjetivamente na inovação tecnológica, não apenas em um sentido utilitário, mas, na construção de um Eu, de uma identidade “sentimentalmente” conectada a essa temporalidade acelerada do tempo da máquina, incapaz de lidar com dor:

A sociedade paliativa é, ademais, uma sociedade do curtir [*Gefällt-mir*]. Ela degenera em uma mania de curtição [*Gefällingkeitswahn*]. Tudo é alisado até que provoque bem-estar. O *like* é o signo, sim, o *analgésico do presente*. Ele domina não apenas as mídias sociais, mas todas as esferas da cultura. Nada deve provocar dor. Não apenas a arte, mas também a própria vida tem de *instagramável*, ou seja, livre de ângulo e cantos, de conflitos e contradições que poderiam provocar dor. Esquece-se que a dor purifica. Falta, à cultura da curtição a possibilidade de cartase. (HAN, 2021, p. 14, grifos do autor)

O que mais me chama atenção na análise de Han é a precisão de suas contribuições. Se a ansiedade é um significante cultural tal qual podemos pensar em termos de uma *cultura de ansiedade* o que grande parte dos/as estudantes demonstram é sua dimensão emergente. As crises, os efeitos psicossomáticos, as tristezas e os choros incontroláveis refratam modos de se relacionar com o mundo hiperconectado, em que suas próprias emoções se tornam elementos grafados em um sistema social cujo tempo é consumido de modo voraz. Além disso, revelam resíduos de um luto não-elaborado em uma situação pós-pandêmica. Se processam, então, aspectos díspares, falo mais em uma configuração de fatores subjetivos, sociais e tecnológicos do que uma única fonte de sofrimento. A escola é um espaço propício a exibir essa complexidade porque conjuga a interação face-a-face ao mundo mediado por tecnologias telemáticas – aqui encontra-se a contradição ao qual Han adverte. Os/as alunos/as percebem-se como alteridades na intensidade de trocas com o Outro, que a pandemia “afastou” fisicamente, porém o fez retornar como avatar telemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei nesses dois ensaios examinar de que modo a ansiedade pode ser pensada antropológicamente, portanto, vista enquanto um objeto epistemológico cujos aspectos refratam dimensões culturais e temporais. Usei o contexto etnográfico de um projeto de pesquisa com adolescentes, alunos e alunas de uma escola pública no sertão cearense que ao longo do primeiro semestre de 2022, após dois anos de crise pandêmica, exibiam sintomáticas relacionadas as crises de ansiedade. Esses sintomas eram fenomenologicamente explicitados em: choros, tristezas, desânimo e muitas estudantes aduziam ainda, a sensação de sufocamento ou a iminência de uma síncope. Tentei mostrar que essa sintomatologia se referia não a uma questão individual ou psicológica em si mesma, mas, era potencializada por diferentes fatores: emoção, temporalidade e tecnologia.

No decorrer do texto é possível compreender que existem diferentes abordagens sobre a ansiedade e a escola como palco de sua expressão se reveste com questionamento fulcral a respeito do sofrimento socioemocional na contemporaneidade. Nesse sentido, os ensaios aqui versam de maneira não-direito a partir de um olhar questionador sobre aquilo que se definiria enquanto uma antropologia psicológica. No escopo do pensamento antropológico canônico a questão do psiquismo e da cultura teve e ainda tem diferentes interfaces, não somente em relação ao campo de conhecimento entre as ciências psi e a antropologia, mas, de modo mais amplo a respeito de técnicas, teorias e abordagens marcadas pela necessidade de escrutinar as características e relações do comportamento humano mediados pela cultura e pela subjetividade.

O culturalismo americano que perspectivou a relação entre cultura e personalidade (LINTON, 1970) através da elaboração do que se chama hoje de padrões culturais, ou ainda as ideias de sexo e temperamento de Margaret Mead (2000) ou mesmo os argumentos de Ruth Benedict (2009) sobre o caráter japonês todas as iniciativas detinham por trás a potencialidade de leituras da psicanálise freudiana. Alguns mais e outras menos. Todavia, lançavam uma perspectiva de atravessamento e não de contingência ao conhecimento que se pode adquirir intercruzando os saberes. Lévi-Strauss (1973) também formalizou essa relação no pano de fundo geral do estruturalismo ao admitir que a cultura em seus conteúdos inconscientes se constituiu na forma de uma gramática simbólica, passível de ser rastreada em diferentes objetos: arte, mitologia, rituais etc. Talvez, o que esteja afirmando é que uma antropológica psicológica não tenha como objetivo restituir

a ideia já ultrapassada de uma espécie de causa (cultura) e efeito (indivíduo); mas, de refletir complexas interações não-óbvias ou inefáveis entre a cultura em seus marcadores de experiência de mundo e a subjetivação desses processos de maneira inovadora.

No caso do sofrimento socioemocional que os/as discentes demonstravam era evidente que a pandemia os/as colocou em posição de vulnerabilidade quanto aos seus próprios processos de interiorização e significação. Com o advento de um “novo normal” presenciamos o crescimento exponencial de transtornos afetivos graves, depressão, estresse e outros ainda não completamente catalogados. O fato que possibilita esse fenômeno se encontra espreado nos distintos indicadores: um tempo cada vez mais esvaziado de referências de pertencimento, o isolamento progressivo iniciado com a pandemia, mas já instalado enquanto forma de interação nas sociedades contemporâneas e o uso intensivo de tecnologias para suprir carências emocionais. Esses ensaios, logo, são apenas esboços de algo que necessita de um maior fôlego analítico.

REFERÊNCIAS

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões de cultura japoneses**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPOS, Érico Bruno V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2013.

COELHO, Maria Cláudia Pereira; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

CUNHA, Mônica X. Carneiro da; SOUZA, Karlla. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Educação, Psicologia, Interfaces**, Maceió, v. 3, n. 3, p. 204-217, 2009.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva. 2012.

GELL, Alfred. **Antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOUVEIA, *et al.* O sentimento de constrangimento: evidências acerca do contágio emocional e do gênero. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 329-337, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HARAWAY, Dona. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Orgs.). **Antropologia ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Bel Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: 1973.

LINTON, Ralph. O indivíduo, a cultura e a sociedade. *In*: CARDOSO, F.H; IANNI, Octavio. **Homem e Sociedade**: Leituras Básica de Sociologia Geral. São Paulo: Cia Editora Nacional, p. 98-102, 1970.

MAUSS, Marcel. 1979. A expressão obrigatória dos sentimentos (1921). *In*: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (Org.). **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, p. 147-153.

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa**: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilisation. New York: Perennial Classics, 1983.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PAHO. Saúde mental dos adolescentes (2021). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em 09/09/2022.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003

RORIZ, Marta. **Corpos em pânico**: narrativas, trajetórias e contribuições para uma antropologia médica da perturbação de pânico. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Médica, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

ROSALDO, Michele Z. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, n.18, n. 54, p. 31-50, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Rio de Janeiro, **Psicologia Clínica**, v.20, n. 1, p.62-82, 2008.